

Migrações e Sofrimento das Crianças: solsaios da educação social

Verônica Regina Müller¹

Resumo: O texto oferece reflexões sobre o sofrimento de crianças em situação de migração sob a perspectiva da educação social. As análises se desenvolvem a partir da história de vida de Valbona Hystuna, migrante, especialista em migrações e em combate ao tráfico de pessoas. Os resultados apontam para uma realidade cruel em que há sofrimentos infringidos às crianças, de muitos tipos, causados por fatores culturais, econômicos, políticos, de caráter pessoal e outros. Existe também, entre outros, um sentimento de impotência por parte dos/as educadores/as que reconhecem a complexidade das problemáticas migratórias. Como necessidade peremptória para o câmbio da situação das populações em migração, põe-se em questão o conceito de nação e o perigo de certos tipos de nacionalismos, bem como a urgência em se ensinar e aprender a empatia ao outro, ao diferente. Ademais, observa-se a urgência de, em países como o Brasil, existir a profissionalização do/a educador/a social com a aprovação do PL 2941/19 a ser votado no Congresso brasileiro.

Palavras-chave: Migração; Sofrimento de crianças; Educação social.

¹ Pós-doutoranda no Observatório das Migrações do PPGPLAN-UDESC. Doutora em Educação Social pela Universitat de Barcelona. Professora aposentada da UEM-Universidade Estadual de Maringá-PR. Presidenta da AESMAR-Associação de Educadores/as Sociais de Maringá Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3629354425731873>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0438-3518>. E-mail: veremuller@gmail.com.

Migrations and children's suffering: sidelongs of social education

Abstract: The text offers reflections on the suffering of children in migration situations from the perspective of social education. The analyzes are developed based on the life story of Valbona Hystuna, migrant, specialist in migration and in Combating Trafficking in Person. The results point to a cruel reality in which there is suffering inflicted on children, of many types, caused by cultural, economic, political, personal and other factors. There is also, among others, a feeling of impotence on the part of educators who recognize the complexity of migration issues. As a peremptory need to change the situation of migrating populations, the concept of nation and the danger of certain types of nationalism are called into question, as well as the urgency of teaching and learning empathy for others, for those who are different. Furthermore, there is an urgent need, in countries like Brazil, for the professionalization of social educators with the approval of PL 2941/19 to be voted on in the Brazilian Congress.

Keywords: Migration; Children's suffering; Social education.

Introdução^I

No dia em que escrevo, 27 de janeiro de 2025, países latino-americanos estão recebendo cidadãos deportados dos Estados Unidos por ordem do presidente Trump. A tripulação brasileira chegou algemada e alguns, com marcas de violência corporal. Mais longe daqui, entre outras tragédias em qualquer continente, o mundo assiste estupefato o genocídio provocado pelo governo de Israel sobre o povo palestino, cujos sobreviventes estão...onde?

Migração se relaciona a território. E como são seres vivos, relaciona-se também a condições de vida naquele território. Normalmente são pessoas que se deslocam a outro lugar com intenção de lá estar definitiva ou momentaneamente, por razões variadas, envolvidas por fatores de pressão e atração. O que pressiona e atrai as pessoas a saírem de seus países e também a escolherem outro, segundo o Parlamento Europeu^{II}, são comumente três grupos de fatores: sociais e políticos, demográficos e econômicos; ambientais e climáticos.

Este texto menciona, de forma geral, o sofrimento contido em meio a populações migratórias, especialmente de crianças, e, oferece reflexões sobre desafios conceituais a serem enfrentados e conquistados para que a situação da vida das pessoas migrantes se transforme, e, siga na direção da conquista da dignidade humana. Portanto, o escrito em questão, situa-se no lugar ideológico e ético da busca da garantia dos direitos humanos. O foco teórico é o da educação social, isto é, a percepção do fenômeno está voltada para a ação educativa que aposta no desenvolvimento amplo das pessoas implicado na construção de um mundo mais humanizado para todas.

Dado que as vivências de uma pessoa acrescentam, a priori, uma legitimidade ao conteúdo discutido, há, na forma como desenvolvo as reflexões, um diálogo com o conteúdo do meu caderno de campo^{III}, que registra uma conversa^{IV} com a especialista Valbona Hystuna^V, que, além de ser uma pessoa

migrada da Albânia para a Grécia há 29 anos, é também uma autoridade profissional no âmbito não governamental, trabalhando sempre com populações migratórias.

A história de vida de Valbona ampara e inspira as reflexões necessárias para o campo da educação social, já que em nossa realidade próxima (Brasil e todos os países latino-americanos), educadores/as sociais têm atendido com crescente frequência a imigrantes de várias partes do mundo. Entre eles, muitas crianças.

De acordo com documento do UNICEF de 2023,

Uma em cada quatro pessoas em movimento na América Latina e no Caribe é criança, a maior proporção no mundo [...] junto com a África ao sul do Saara, onde as crianças também representam 25% da população migrante. As crianças com menos de 11 anos representam agora até 91% de todas as crianças em movimento em alguns pontos de trânsito.

O que ocupa meu sentimento e preocupa meus pensamentos, é o sofrimento das crianças. Precisamos fazer o possível para que sejam tratadas com respeito, ou seja, com cuidado, no entendimento mais amplo e profundo de seu significado. Nesse sentido, a partir do estudo detido do constante no caderno de campo, decidi perfilar e comentar categorias que são cruciais para quem realiza a educação social, as quais estão apresentadas a seguir.

A criança migrante, o não lugar e outras violências

Algumas vezes fiz o exercício de pensar qual é a situação mais sofrida para uma criança. Criança, porque é o ser que menos consegue reagir contra uma realidade imposta. Pensava: a situação mais triste é a criança viver na rua; depois de conhecer algumas instituições de acolhimento, pensei: isso é ainda pior, porque as da rua eventualmente têm o gosto da liberdade, conhecem pessoas queridas, podem ter boas memórias de algum familiar, mas as do Acolhimento já estão ali

com um histórico de laços afetivos desfeitos, ou, até, nunca experimentados. Ademais, no caso do Brasil, a política para essa população infantil é desumana, não nos dá esperanças. Depois, conheci realidades de imigrantes e pensei: talvez isso seja ainda pior: a criança sair correndo, escapando de bombas ou de grupos que torturam e violam pessoas, sozinha, sem nenhum parente ou conhecido, sair para algum lugar aonde um grupo está indo, e chegar em um país que fala uma língua que ela não conhece, sem saber o que a espera... o único que a acompanha são suas memórias-lembranças duras e saudades.

É claro que o sofrimento é algo particular, há muitos complementos a enlaçar no pensamento acima encadeado. Não quis fechar, somente citar alguns tipos de situações reais muito sofridas. Mas sim, há situações que universalmente se sabe que provocam sofrimento. A saída de um lugar para ir viver em outro, quando forçada, faz sofrer. Se é sem ninguém conhecido, pior. Steinkellner^{vi} já não diz i/emigrantes ou refugiadas, porque entende que essas categorias tão amplas escondem o que é essencial- as crianças estão fugindo. Ele se refere a elas como crianças em fuga. A função dele na década passada quando trabalhava para ACNUR na Áustria, era localizar os menores de idade completamente desacompanhados nas massas de imigrantes que majoritariamente vinham da Síria.

Medos fazem parte da vida de muitos migrantes no local de origem e também no lugar de chegada. No caso de Valbona, quando o regime comunista se desfez na Albânia, na década de 90, ela tinha 18 anos e cursava o primeiro ano da Universidade:

Eu tinha amigos que estavam no terceiro ou quarto ano da faculdade, eu me reunia com eles e eu estava curiosa e com medo ao mesmo tempo, porque falar sobre o tema era muito tenso.

Está em sua memória este dia:

Era 13 de Dezembro quando uma revolução estudantil aconteceu nas ruas [...] para protestar pela liberdade e a falta dela. Naquele dia, eu lembro de estar tudo muito caótico na Universidade (cidade de Shkodra-Albânia). Havia muitas pessoas vindas de todo lugar, não só estudantes, tentavam nos persuadir – mesmo de forma não educada – a obrigar as pessoas a irem às ruas, ao mesmo tempo que o exército possuía armamento o suficiente para se defender, então era tudo muito assustador. Eu me lembro [...] eu corri até o meu quarto [...] eu costumava dividir o quarto com quatro garotas e eu não encontrei nenhuma delas [...]. Muitas pessoas que eu não conhecia começaram a aparecer de forma violenta, então eu coloquei colchões entre as janelas e portas para que ninguém pudesse abrir e me mantive lá durante a noite toda. Eu estava dentro do guarda-roupa, com medo de alguém conseguir abrir a portas. De manhã eu saí e vi pela janela que estava tudo vazio, havia tanques de guerra e luzes pela cidade, mas sem gente.

Para algumas pessoas a adaptação ao novo lugar é mais rápida, para outras, mais demorada. Para Valbona foi assim:

Em 2003, oito anos após a minha chegada à Grécia, meu desapontamento era grande, não conseguia me encontrar no que eu fazia, não gostava de nada do que estava fazendo no país, exceto ganhar dinheiro, dinheiro que nunca tivemos na Albânia.

Uma circunstância, fora das políticas públicas, no âmbito não governamental, teve influência importante em sua satisfação profissional:

A partir do meu envio de CV para a ONG, fui chamada para uma entrevista após 1 mês e depois de 1 mês fui selecionada para a posição; era um trabalho de rua para proteção de crianças da Albânia vítimas de tráfico na Grécia. Claro que eu não tinha treino para isso, então fui treinada por várias pessoas de fora da Grécia, um trabalho muito impressionante.

Aqui introduz-se outro aspecto medular da temática da migração e que causa muito sofrimento: o tráfico de pessoas. A tristeza, a decepção, o medo, a raiva, o desespero fazem parte dessa experiência. Segundo a Procuradoria Geral da União^{VII},

Homens, mulheres e crianças são comercializados com objetivo de gerar lucros para organizações ou agentes criminosos. Eles se aproveitam de pessoas vulneráveis, fazem propostas financeiras, de emprego, ou de uma vida melhor, mas as vítimas acabam em situações de exploração que ferem seus direitos fundamentais e sua dignidade. Trata-se de um crime transnacional que movimenta cerca de 32 bilhões de dólares e faz 2,5 milhões de vítimas anualmente, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU).

Em 2000 é definido no Protocolo de Palermo o que é o tráfico de pessoas. Em 2004, o Brasil ratificou o protocolo por meio do Decreto nº 5.017, o qual incluía somente o crime de exploração sexual. A Lei 13.344, em 2016 incluiu novas modalidades e a regulamentação do crime consta do artigo 149-A do Código Penal. O Ministério Público Federal^{VIII} divulga uma figura bastante clara sobre o conteúdo da lei, como pode-se apreciar adiante, com a exposição do número da lei, as ações que caracterizam o crime, os meios, as finalidades e os objetivos dos criminosos, como pode ser observado na Imagem 01 – Elementos do Tráfico de pessoas.

Imagem 01 – Elementos do Tráfico de pessoas.



Fonte: Ministério Público Federal (MPF), *site*.

O/a educador/a social e o sentimento de impotência

As pessoas em migração contam realidades dramáticas, trágicas, algumas (muitas) heroicas, outras nem tanto (porque não deixam de ser o que já vinham sendo). Os/as profissionais que se relacionam diretamente com as pessoas na situação difícil em que se encontram, acumulam relatos que impressionam.

Quando perguntei à Valbona se poderia contar uma história que lhe marcou enquanto trabalhadora junto aos imigrantes, como vinda, me disse:

Durante a minha vida profissional, tive contato com muitos problemas de imigrantes, crianças vindas da Bulgária e Romênia vítimas do tráfico e exploração. Tive contato com mecanismos do estado de proteção a crianças, e, depois de 2015 tivemos migrantes vindos da Síria, Afeganistão, Bangladesh, Egito e a maior parte de países do Oriente Médio. [...] Uma das histórias mais comoventes foi quando eu localizei meu vizinho da Albânia em um abrigo na Grécia, ele tinha 15 anos e foi traficada desde que era pequeno, mais ou menos 5 anos. No começo, eu costumava me mover de abrigo em abrigo em busca de crianças albanesas para lutar por elas e documentá-las apropriadamente, crianças localizadas nas ruas tinham nomes diferentes dos reais e não tinham identificação. Então, todas as crianças eram invisíveis na Grécia. Essa organização que eu trabalhava visava identificar crianças não-documentadas apropriadamente, e, avisar a família. Em uma das entrevistas na Grécia, eu percebi pelas perguntas e respostas, que a criança em questão era o filho de um colega de escola e meu vizinho... eu não pude lidar. Ainda é a história mais comovente para mim.

Parece cena de filme, mas é verdade... não há maneira de mudar aquele passado... entretanto, o que pode fazer um educador com seu trabalho às vezes, é provocar consequências que influenciam destinos. Como disse Violeta Nuñez^{ix}, “os educadores sociais são profissionais do anti-destino”. Contudo, há realidades brutais nas quais um educador social não consegue chegar tão fundo a ponto de transformá-las, até porque, vistas de perto, estão longe de ser ideais- são cruas, duras, violentíssimas^x.

Quanto ao conjunto de obstáculos e desafios para cumprir os direitos humanos, as opiniões de Valbona reúnem aspectos culturais, outros de caráter pessoal, dificuldades legais, burocráticas, econômicas e de política geral:

Havia muitas preocupações ao trabalhar com crianças, seus parentes e família. Outros problemas, como pais vindos de outros campos, lá violentaram as crianças, ou, homens que violentavam suas esposas. Eu era especialista em 2015, em proteção de crianças, pessoas e mulheres contra a violência com base em gênero. Eu sabia que essas pessoas haviam sofrido em seus países e a educação dessas pessoas em violência de gênero era considerada normal- eu não podia aceitar aquilo. Eu queria proteger as crianças contra a violência dos pais, e de mulheres contra as dos homens, e eu lutava por dentro com essas questões; entender também a legislação do governo para fazê-los entender que não podemos proteger crianças e pessoas como a democracia/direitos humanos pede, não podemos mudar a matriz. Também, pessoas não eram autorizadas a trabalhar, demorando 2 anos para os asilos darem resposta. Era uma limitação, por um lado, tentando lutar pelas crianças e mulheres, mas no outro, você não está conseguindo aplicar a convenção de direitos humanos. Então, havia um conflito entre situações e práticas ao redor disso tudo, feitas de maneiras estranhas. Um estado, uma política, um governo, é muito limitado, então você não tem o espaço necessário para fazer o que é preciso. Eu e meus colegas nos desesperávamos, pois era muito difícil de manejar tudo isso em meio a essas dificuldades.

Há uma complexidade enorme no trabalho de quem está próximo às pessoas tentando fazer valer direitos e procurando que tenham oportunidades de desenvolvimento, de segurança, de esperança, “mas infelizmente, há muitos vãos em questões econômicas, sociais e políticas, não é fácil ajudar o tanto quanto se quer ajudar a essas pessoas a acharem a própria liberdade”, nos diz Valbona.

O nacionalismo perigoso e a aprendizagem da empatia

Quando conversávamos sobre o que parecia à Valbona absolutamente necessário mudar no mundo para que as condições das migrações sejam

diferentes, respeitosas, ela citou duas em especial: “escapar do nacionalismo perigoso e aprender a empatia”.

Em relação aos nacionalismos, diz que podem ser perigosos. Entende, como vários estudiosos dos nacionalismos, das fronteiras, das migrações, que o conceito de nação não tem ajudado à boa convivência.

Nós estamos falando sobre o movimento das pessoas desde que a humanidade surgiu, hoje em dia falamos apenas de nações, como assim nações? Eu não sei de onde eu sou, eu não tenho certeza de onde eu sou, então já que eu acredito que a migração começou desde que a humanidade começou, como eu posso dizer que sou albanesa, grega ou brasileira.? Então eu sei que é importante ter uma distinção nacional por questões administrativas, para registrar a população, mas desde que o nacionalismo é construído para a propaganda e lavagem cerebral, isso é perigoso, isso faz com que eu e você nos sintamos melhores que o outro, que os africanos, que asiáticos, latino-americanos, isso machuca^{xI}.

O que “machuca” é a hierarquia que põe um valor simbólico de diminuição a quem é considerado o outro, o diferente. Quando o limite na fronteira se impõe, vêm junto com as políticas, com a economia, com as leis e a cultura, os racismos, a xenofobia, a misoginia, a eugenia, a aporofobia e tantos outros preconceitos que normalizam os maus-tratos.

Segundo o Ministro Marco Aurélio Mello do Supremo Tribunal Federal^{xII},

nacionalismo, protecionismo, populismo e crise de representação política influenciam-se reciprocamente e dão cores fortes ao movimento de Pós-Globalização e ao crescente descrédito da Democracia como regime político plural. [...] Tudo isso favorece ao fechamento de fronteiras em desfavor da ajuda a imigrantes e refugiados, a populismos e à emergência de líderes tão carismáticos quanto autoritários.

Em definitiva, segue o Ministro, "É a paz mundial que está ameaçada. A Resolução nº 39, da ONU, proclama que os povos de nosso planeta têm o direito sagrado à paz e proteger esse direito e fomentar a sua realização é obrigação fundamental de todo Estado".

A experiência de Valbona alerta:

Toda decisão política é seguida da econômica [...]. Nós temos muitas decisões que são econômicas, mas que são contra as pessoas, muitos muros de muitos países que querem bloquear a migração...Grécia, Hungria, Estados Unidos, estão investindo dinheiro para bloquear a liberdade das pessoas. Existe sempre relação entre decisões políticas e econômicas. As escolhas do governo que mencionei antes, dependem exclusivamente do governo. [...] A Grécia investiu cerca de 1 milhão e meio de euros para construir um grande muro, foi uma decisão Europeia, não somente grega.

No sentido do investimento político e econômico, a especialista aponta a necessidade de que se invista econômica e politicamente para a aprendizagem da empatia.

Decisões políticas aplicadas estão relacionadas às decisões econômicas. Todo governo há de investir em empatia, isso significa que precisa investir dinheiro com o objetivo de ter os professores, escolas, circunstâncias e serviços mais apropriados... é um investimento. Se a UE decidisse como proteger, acolher e aproveitar as pessoas ao invés da grande parede...

Há exemplos de como a vontade política na atualidade pode realizar materialmente outros modos de tratamento da imigração a partir de outros conceitos, conforme o que diz Valbona: "Países têm feito isso, tomaram decisões ótimas para proteger as pessoas -Holanda, Dinamarca, Suécia, Noruega-, no ano passado estavam mudando e tentando construir políticas com foco no investimento nas pessoas".

Considerações

No intuito de trazer à tona o sofrimento de crianças em migração, quis também evidenciar de soslaio, o trabalho e o sofrimento desse/a trabalhador/a da educação que é o/a educador/a social. É ele/a quem está perto, vendo, escutando, acompanhando as pessoas, e, vivenciando com sofrida impotência os problemas que poderiam ser resolvidos, evitados ou minimizados, se, suas causas fossem atacadas política e economicamente. Desenvolvo curtas elucubrações a respeito do que estivemos refletindo.

Quanto ao sofrimento das crianças (nas migrações, no tráfico humano, e em tantas, tantas, tantas outras situações) me parece inevitável expressar o espanto (que evidentemente não é só meu), com a dormência do mundo adulto ante tamanha desumanidade. É oportuno o conceito de “banalidade do mal” de Hannah Arendt^{xiii}, que se refere a uma espécie de normalidade que se instala ante a violência aos outros, em muita gente que não tem intenção de ser violenta e se sente desresponsabilizada com o que ocorre. O autor Christophe Dejours^{xiv}, na obra “A banalidade da injustiça social”, acrescenta, dentre demais aspectos, a construção subjetiva de dominação pelos poderes econômicos das nações, pela normalidade individualista e competitiva construída para a existência humana. Zygmunt Baumann^{xv} também mostrou em “Modernidade e Holocausto” que quando se impessoaliza a violência ela muitas vezes interfere na ética, ou seja, se a mesma violência acontecesse com um conhecido ou um parente próximo, pareceria mais errada.

Baumann, Paulo Freire, Galeano, acrescidos de numerosos pensadores, nos ensinam a resistir e nos motivam a não nos demovermos de nossa esperança. Nesse processo, não importa que ainda sejamos poucos. O caminho, entre outros, é a consciência crítica. É necessário conhecer a realidade de forma ampla e

profunda, de modo a termos elementos para realizarmos análises críticas e escolhermos como portar-nos no mundo.

Essas são indicações para os adultos, não obstante, quero aproveitar para dizer que a história de crianças está insuficientemente contada- primeiro, porque escrever não é a principal forma de expressão delas, e, segundo, porque quando os adultos contam as histórias priorizam histórias de adultos^{xvi}. Há verdadeiras heroínas crianças, tanto no mundo cotidiano, quanto no mundo das situações extremas^{xvii}. E, ações heroicas também se acumulam quando escutamos histórias cúmplices entre crianças e adultos, muitas vezes, sendo eles/as, educadores/as sociais.

No que tocante a estar preparada para atuar com populações migratórias, Valbona relata que para conseguir desenvolver seu trabalho adequadamente, contou com o apoio de formações profissionais imprescindíveis. Seria impossível apoiar-se somente na sua sensibilidade. É aí que enlaço a análise seguinte, e ela se relaciona ao/à educador/a social.

Assim como as crianças são invisibilizadas no processo de migração, os profissionais da educação social também o são. São eles/as os/as profissionais que atuam com temas de alta complexidade diretamente com as pessoas. De maneira geral, por definição, não há normalidade naquelas ocasiões, são situações extremas.

Temos defendido que o/a educador/a social deva ser um profissional muito bem formado, em curso universitário. Ou seja, temos lutado pela aprovação do PL 2941/19 que pretende regulamentar a profissão de educador social no Brasil, para que essa ação tão necessária e consequente na vida das pessoas deixe de ser um lugar de voluntários ou de concursados de ensino médio ou mesmo de curso superior de qualquer formação. Essa profissão, com curso superior, existe em numeráveis países: no Uruguai, há 3 décadas, bem como na Espanha, Senegal,

Tunísia, França, Filipinas, Itália, Canadá, e muitíssimos outros países. O Brasil está situado no início do século XX em relação à educação social, quando se dizia que bastava ter bons sentimentos para trabalhar no campo educativo.

Para finalizar, na linha de Guimarães Rosa e de Manoel de Barros, que inventam palavras, trago um invento de nosso coletivo^{xviii}, que é a palavra proexistência^{xix}. Temos dito que é preciso resistir, mas ir além. O prefixo re se refere a algo que está antes, ou, visto de outra perspectiva, que vem de trás. A resistência é uma reação. Pro é prefixo latino que significa movimento para a frente. Precisamos agir também com invenção, com direção para frente e com atitude de coragem exatamente como fazem as crianças, com naturalidade. Junto à coragem na ação da criança está a alegria, a ousadia, a descoberta, o gosto pelo desafio, o compartilhar de tudo. Portanto, sigamos, resistentes e proexistentes, abrindo sendas para novidades no presente, sem esquecer a história pregressa e o mundo que queremos deixar de herança.

Notas

ⁱ Meus sinceros e profundos agradecimentos à Valbona Hystuna que dedicou seu tempo a contar-me aspectos de sua história e generosamente abriu seu coração para que eu sanasse curiosidades e aprendesse tanto. Agora mais gente pode sensibilizar-se com a realidade das migrações. Obrigada!

ⁱⁱ Ver: <https://www.europarl.europa.eu/topics/pt/article/20200624STO81906/explorar-as-razoes-da-migracao-porque-e-que-as-pessoas-migram>

ⁱⁱⁱ Sobre os cadernos de campo e a relação com Valbona Hystuna. Ela e eu pertencemos à Organização Dynamo International- Street Workers Network, que é composta por quase 60 países, cada país representado por uma organização nacional. O Brasil está representado pela AESMAR, associação que eu presido. Os representantes se reúnem bianualmente e nós nos conhecemos quando ela representava a Grécia e a reunião foi em 2012 na França. Desde então, já nos encontramos na Romênia, Nepal, Canadá, Guatemala, Tunísia. São cadernos com muitas anotações sobre as diferentes experiências vividas, e um deles contém a conversa citada neste texto, realizada em parte em 2024 na Tunísia e em parte virtualmente em 2025.

^{iv} O conteúdo da conversa a partir do relatório foi autorizado por Valbona Hystuna para este artigo, que foi revisado por ela antes de ser enviado para publicação.

^v Valbona Hystuna, mais de 20 anos de experiência na luta contra o tráfico de pessoas e na proteção de crianças e famílias em movimento na Grécia. Seu compromisso inclui a promoção da colaboração entre autoridades públicas e ONGs, o desenho de campanhas, a formação de partes interessadas, a conceitualização de projetos, entre outros. Coordenou a plataforma da Grécia da Dynamo Internacional- Rede de Educadores Sociais de Rua e é delegada para o Diálogo construtivo com a UNODC desde 2023.

^{vi} Steinkellner, Helmut. Crianças em fuga: quando crianças e menores de idade precisam fugir. In: Müller, Verônica R. **Crianças em Itinerância**: histórias, culturas e direitos. Appris. 2019.

^{vii} <https://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr2/2024/trafico-internacional-de-pessoas-e-preciso-conhecer-para-combater>

^{viii} <https://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr2/2024/trafico-internacional-de-pessoas-e-preciso-conhecer-para-combater>

^{ix} Nuñez Pérez, Violeta. **Pedagogía social**: cartas para navegar en el nuevo milenio. Buenos Aires: Santillana, 1999.

^x Neste texto priorizei focar no sofrimento das crianças e também dos/as educadores/as. Mas há muitos registros de histórias de violências em Observatórios, Grupos de pesquisa sobre violência, outros. No NPCA-UEM temos registros de violências institucionais, de famílias, e tantos outros, fruto das conversas em trabalho de educação social com as crianças.

^{xi} Hystuna, Valbona. Caderno de campo de Verônica Müller. 10 de janeiro de 2025.

^{xii} Ver: <https://www.migalhas.com.br/quentes/261632/marco-aurelio--nacionalismos-e-populismos-ameacam-paz-mundial>

^{xiii} ARENDT, Hanna. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

^{xiv} DEJOURS, Christophe. **A Banalização da injustiça social**. Fundação Getúlio Vargas, 2011.

^{xv} BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e o Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

^{xvi} MÜLLER, Verônica Regina. **Histórias de crianças e infâncias**: registros, narrativas e vida privada, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

^{xvii} TODOROV, Tzvetan. **Frente al límite**. Siglo XXI, Mexico DF, 1993.

^{xviii} Nosso coletivo é a AESMAR- Associação de Educadores Sociais de Maringá; NPCA- Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa e Defesa da criança e do adolescente/UEM, MNMMR- Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua-Comissão Local de Maringá; Grupo de Pesquisa Infância, Adolescência, Juventudes e Educação Social.

^{xix} Desenvolvemos este conceito na tese doutoral de Elton Tada, ver: TADA, Elton Vinicius Sadao. **De crianças órfãs e deserdadas a proexistentes**: Uma hermenêutica da libertação da infância latino-americana. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá- UEM, 2022.

Referências

ARENDT, Hanna. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e o Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

DEJOURS, Christophe. **A Banalização da injustiça social**. Fundação Getúlio Vargas, 2011.

MÜLLER, Verônica Regina. **Histórias de crianças e infâncias**: registros, narrativas e vida privada, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

NUÑEZ PÉREZ, Violeta. **Pedagogía social**: cartas para navegar en el nuevo milenio. Buenos Aires: Santillana, 1999.

STEINKELLNER, Helmut. Crianças em fuga: quando crianças e menores de idade precisam fugir. In: Müller, Verônica R. (Org). **Crianças em Itinerância**: histórias, culturas e direitos. Appris, 2019.

TADA, Elton Vinicius Sadao. **De crianças órfãs e deserdadas a proexistentes**: Uma hermenêutica da libertação da infância latino-americana. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá- UEM, 2022.

TODOROV, Tzvetan. **Frente al límite**. Siglo XXI, Mexico DF, 1993.

Recebido em: 14/02/2025
Aprovado em: 31/03/2025
Publicado em: 30/06/2025